
Lagares, lagaretas ou lagariças rupestres da vertente noroeste da Serra da Estrela

CATARINA TENTE*

R E S U M O

Pretende-se com este artigo dar a conhecer várias estruturas rupestres de lagares que foram sendo identificadas e inventariadas desde 1993, no âmbito de várias prospecções arqueológicas realizadas na vertente Noroeste da Serra da Estrela. No levantamento efectuado foi possível construir uma tipologia que inclui quatro tipos: rectangulares ou sub-rectangulares, de forma predominantemente quadrangular ou subquadrangular, circulares, de menor dimensão, e sepulturas escavadas na rocha transformadas. Apesar de não haver documentação que refira directamente este tipo de estruturas, é provável que a maioria fosse destinada à transformação da uva. Com efeito, o plantio da vinha está bem documentado desde a época medieval, contrariamente ao plantio da azeitona, e analisando a distribuição dos lagares verificou-se que a totalidade se localiza em altitudes compatíveis com o plantio da vinha. É ainda provável que estas estruturas se localizassem dentro das próprias vinhas.

A B S T R A C T

The aim of this paper is to present 23 rupestral mills identified and inventoried since 1993 in the context of several archaeological surveys in the NW slope or Estrela Mountain. It has been possible to propose a typology including four main morphological types: rectangular or subrectangular shape; predominantly square or subsquare shape; round square of small diameter; and the adaptation of rupestral graves. Despite of the lack of written documentation referring this type of structures, it is likely that the majority was made for grape processing. In effect, unlike olives, vineyards are well documented since medieval times — the distribution of all the rupestral mills shows their location in heights compatible to vineyards production. It is also likely that these structures were located in the vineyards themselves.

1. Introdução

Conhecem-se lagares escavados na rocha em todo o Mediterrâneo, desde a Síria e Palestina, passando por Itália, França e Península Ibérica. No nosso território são mais vulgares no norte e centro do país, principalmente em áreas ocupadas por granitos. Apesar de comuns, até hoje o seu estudo não despertou a curiosidade de muitos investigadores dos espaços rurais. Efectivamente,

são escassas as publicações no nosso país sobre esta temática, o que impede a comparação de tipologias e a relação destas com a sua funcionalidade.

A principal limitação do estudo destes lagares reside na impossibilidade de, na sua larga maioria, ser impossível relacioná-los de forma directa com estratigrafias arqueológicas, que possibilitem a recolha de informações quanto à sua cronologia, funcionalidade mais precisa e relação com eventuais espaços habitados ou de exploração agrícola.

Os levantamentos gráficos e fotográficos dos 23 lagares apresentados neste estudo foram efectuados entre 1993 e 2005, sob a direcção da signatária. A sua identificação foi possível no âmbito de três projectos de investigação que se desenvolveram nesta região. O primeiro, que se iniciou em 1993, tinha por objectivo o levantamento do património arqueológico do concelho de Gouveia. Entre 2002 e 2004, desenvolveu-se um outro projecto, intitulado *A Ocupação Alto-Medieval da Encosta Noroeste da Serra da Estrela*, o qual se prolonga, desde 2005, através de um outro projecto que abarca geograficamente a todo Alto Mondego, intitulado *A Alta Idade Média no Alto Mondego*.

O presente artigo não pretende, nem pode ser, um estudo inovador relativamente à funcionalidade destas estruturas e à sua cronologia. No entanto, o conjunto analisado permite avançar com algumas propostas, nomeadamente o estabelecimento de uma tipologia e um balizamento cronológico.

Para a região-alvo deste estudo conhecem-se ainda outros seis lagares rupestres que foram referenciados por António Valera na publicação sobre o património arqueológico de Fornos de Algodres (1993). Contudo, como não são publicados desenhos e perfis com respectiva escala para todos os lagares e não foi possível efectuar o seu levantamento fotográfico ou gráfico durante os projectos acima referidos, optou-se por excluí-los deste estudo.

Todas as estruturas identificadas situam-se, assim, nos actuais concelhos de Gouveia e Celorico da Beira, que ocupam parte substancial da vertente noroeste da Serra da Estrela, que domina o grande corredor da Beira Alta. Este território divide-se em dois espaços diferentes: um mais montanhoso, uma espécie de muralha atravessada por numerosos pequenos cursos de água, que descem a serra para desaguardem no Mondego; e uma outra menos montanhosa que se caracteriza pelas plataformas do rio Mondego. Esta região é ainda marcada pela peculiar degradação e erosão do granito que modelou, com o tempo, “castelos de rocha”. Esta exposição da rocha de base permitiu a utilização antrópica de muitos dos afloramentos, que foram assim aproveitados como base para assentamentos de muralhas, sepulturas, eiras e lagares.

2. Modo de funcionamento dos lagares

O conhecimento que temos do modo de funcionamento de alguns destes lagares rupestres baseia-se, parcialmente, nos conhecimentos que actualmente existem quer dos lagares romanos, quer dos lagares tradicionais, até há pouco tempo em funcionamento.

No conjunto estudado neste artigo, nunca foi possível relacionar directa ou indirectamente os lagares a vestígios arqueológicos romanos, o que leva a supor que a sua maioria não será efectivamente romana. Foi esta constatação que levou à adopção de uma nomenclatura mais próxima dos termos em português. Para uma melhor compreensão, faz-se a relação entre o nome em latim e o termo em português escolhido (Fig. 1).

O que é possível identificar como o registo arqueológico dos lagares rupestres são as estruturas que foram escavadas na rocha, ou seja, a pia para a pisa (ou *calcatorium*), os canais de escoamento dos líquidos extraídos da pisa e, eventualmente, em alguns casos, o pio (ou *lacus*) e os buracos de poste que suportariam a estrutura para prensagem (ou *stipites*).

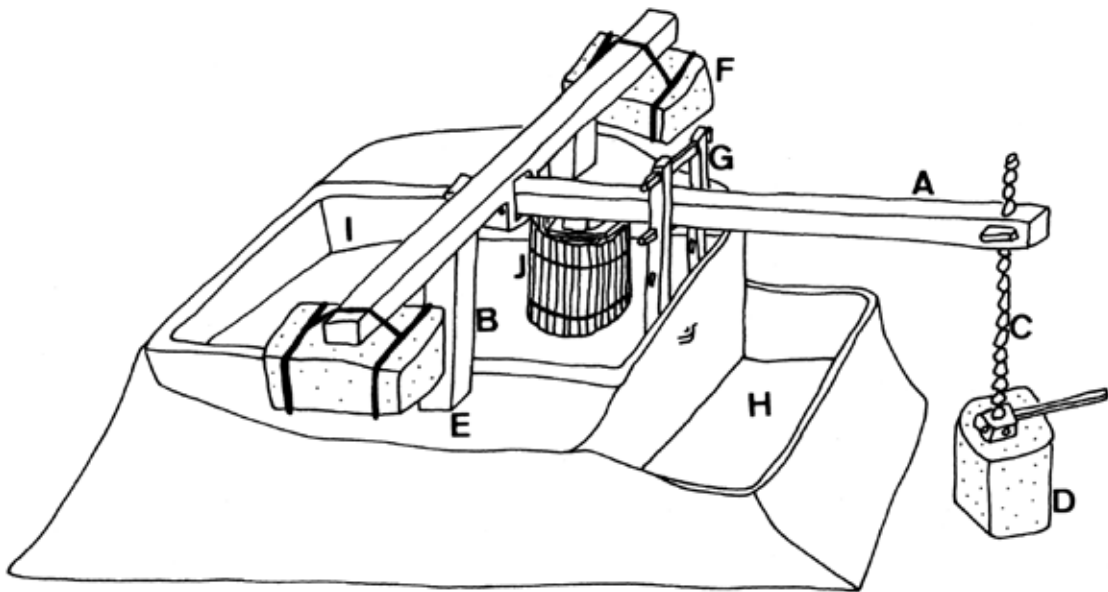


Fig. 1 Modelo teórico de lagar de *torcularium* (prensa) proposto por Almeida, Antunes e Faria (1999). A - vara de lagar (*prelum*); B - poste de apoio da vara de lagar (*arbore*); C - parafuso ou elemento de suporte da pedra de lagar (*malus*); D - pedra de lagar; E - buracos de poste (*stipites*); F - contra-pesos; G - escora; H - pio (*lacus*); I - pia para pisa (*calcatorium*); J - bagaço para prensagem.

Independentemente da forma que os vários lagares apresentam, todos teriam uma área para esmagamento, fosse ela efectuada por pisa por pé humano, e/ou através de processos mais complexos que implicavam a utilização de mecanismos em madeira, pesos, contrapesos e pedras de lagar. Este processo era efectuada numa pia, frequentemente de pouca profundidade (*calcatorium*) escavada no granito. O líquido resultante deste processo escorreria por canais ou bicas para um novo espaço, o pio, que estava separado do anterior e que poderia ser escavado na rocha ou, em alternativa, ser amovível. Em alguns casos, apenas se delineava uma área de apoio a um receptáculo amovível, que poderia ser em madeira ou mesmo em cerâmica, tal como ocorre em alguns casos conhecidos para o período romano (Alarcão, 1997, p. 146).

Nos casos em que o sistema era mais complexo, funcionaria muito provavelmente de forma semelhante ao modelo de lagar com prensa por alavanca (*torcularium*) proposto por Almeida, Antunes e Faria (1999). Na área de prensagem era montado um sistema em madeira que suportava uma alavanca ou *prelum* “à qual se aplica uma força, neste caso a gravidade, a actuar sobre a pedra de lagar” (Almeida, Antunes e Faria, 1999, p. 99). Esta estrutura em madeira assentava em buracos de poste ou *stipites*, mas é provável que *stipites* escavadas no granito não suportassem o peso exercido pelo *prelum* com a pedra de lagar e que as *arbores* se deslocassem dos orifícios, pelo que é de admitir a existência de contrapesos (Almeida, Antunes e Faria, 1999, p. 100). Tal como nos casos estudados, também estes autores admitem que nem sempre estes buracos de poste respeitam uma configuração padronizada, surgindo por vezes lagares que possuem “uma *stipites* composta por dois elementos à qual se opõe do outro lado uma mais simples” (Almeida, Antunes e Faria, 1999, p. 100).

Foram igualmente identificados lagares com duas áreas de prensagem, normalmente uma de forma rectangular e outra circular. Almeida, Antunes e Faria (1999) registaram, também, lagares com duas áreas de prensagem, sugerindo que uma pudesse ser para a pisa propriamente dita e o

outro para prensa por *torcularium* (Almeida, Antunes e Faria, 1999, p. 101). Na maioria dos casos estudados essa interpretação não parece ser viável, já que a estas estruturas não estão associados buracos de poste que pudessem suportar a estrutura para aplicação da prensa em madeira, tal como o modelo proposto por aqueles autores. É, porém, possível que as estruturas circulares, em forma de francela, pudessem ter sido de apoio a uma estrutura de prensa por fuso que funcionaria toda em madeira.

As estruturas de lagar em madeira que eram montados sobre estas bases graníticas deveriam ser removidas no fim de cada ciclo agrícola, para que não se degradassem por exposição às condições climáticas, isto admitindo que em redor destas estruturas não seriam erigidos edifícios que protegessem todo o conjunto. Refira-se a propósito, que nenhum dos casos estudados se pôde constatar a existência de quaisquer vestígios que pudessemos relacionar com edifícios. Também Almeida, Antunes e Faria (1999, p. 100) admitem que os elementos em madeira destes lagares fossem montados em cada um dos ciclos.

São raras as menções documentais às partes constituintes dos lagares rupestres, mas num dos documentos estudados por Andrés Barrio para a região de La Rioja é referida a venda, em 1082, de um lagar em Bobadilla, que um casal faz ao Mosteiro de San Millán. No documento, o lagar é descrito como “*uno troliare complito, cum sua pila et omnia causa*”. Depreende-se desta referência que o lagar era efectivamente constituído por duas partes. Seria a expressão *omnia causa* referente à maquinaria de madeira e a *pila* à base em pedra? (Andrés Barrio, 2006, p. 2).

Nos trabalhos de campo efectuados também não foram encontrados pedras de lagar semelhantes àquela que é representada nas Figs. 1 e 2. Este facto pode ser explicado de duas formas. A primeira parte do princípio que estes elementos pétreos foram sistematicamente reaproveitados. A segunda avança com a possibilidade de um sistema alternativo às pedras de lagar tradicionais; estas poderiam ser substituídas por bolsas em corda que estariam presas à extremidade proximal da vara de lagar, e nas quais se depositavam pedras avulsas até criar o peso suficiente para a prensagem. Como as pedras de lagar podem ainda hoje ser identificadas em alguns sítios romanos na Beira é difícil admitir que em todos os casos estudados essas pedras de lagar possam ter sido reaproveitadas. O sistema do “saco de pedras” implicava não só um investimento menor por não exigir o talhe da pedra de lagar, mas também um manuseamento expedito. No entanto, é de admitir que tenham coexistido estes dois sistemas e outros que ainda não conseguimos vislumbrar o seu *modus operandi*.

Após os processos de pisa e prensa, quando esta era aplicada, o mosto seria transportado para outras instalações, cobertas, para que se processasse a fermentação. Estas instalações, que podemos, denominar de adegas, deviam situar-se junto das habitações, nos casos dos casais, e mesmo dentro das povoações, no caso do povoamento mais concentrado. Com o tempo, as adegas e, mais tarde, os lagares, passam a ocupar uma parte da casa, desenhando-se o que hoje conhecemos da casa tradicional beirão.

3. Descrição das estruturas

Os diversos lagares estudados adiante enumerados estão organizados por freguesia e concelho, efectuando-se para cada um uma descrição das suas características e das eventuais informações documentais e arqueológicas que se possam directamente associar a essas estruturas.

3.1. Castelo (Arcozelo da Serra, Gouveia)

Na área interna de um povoado fortificado foi identificado este lagar, que resulta da adaptação de uma das três sepulturas escavadas na rocha, aí localizadas.

Neste povoado, que se encontra na confluência da Ribeira de Boco com a Ribeira de Gouveia, afluente directo do Mondego, foram identificados à superfície cerâmicas proto-históricas e alto-medievais. Aparentemente, parece tratar-se de um sítio fortificado durante a Proto-História, que deverá ter sido abandonado no espaço de tempo que medeia o início da romanização e a Alta Idade Média, para ser novamente ocupado quando a instabilidade da zona impeliu a população a procurar locais com características mais defensivas.

A transformação da sepultura em lagar levanta o problema da cronologia deste tipo de estruturas produtivas. As sepulturas escavadas na rocha devem ser contemporâneas da reocupação habitacional do povoado durante a Alta Idade Média, mais precisamente entre os séculos VIII e X (Tente, no prelo).

O lagar terá de ser necessariamente posterior. A questão que se coloca é quando se dá esta transformação da funcionalidade da estrutura. Quando faz sentido que uma estrutura claramente funerária seja adaptada a uma estrutura para transformação de bens alimentares?

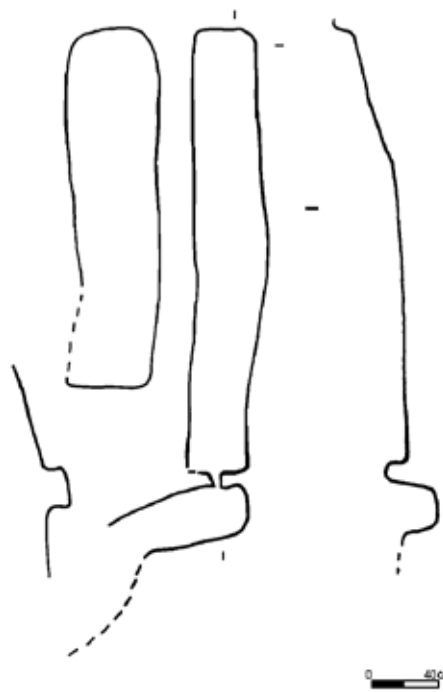


Fig. 2 Lagar do Castelo.

3.2. Lágéas (Arcozelo da Serra, Gouveia)

No sítio hoje denominado de Lágéas foram identificados cinco lagares escavados em afloramentos que ocupam uma área de cerca de 500 m². Trata-se do conjunto de maior dimensão, o que pode indiciar a existência de uma área específica dentro de uma propriedade dedicada exclusivamente à transformação de produtos agrícolas.

Este local é contíguo ao que hoje se denomina de propriedade do Aljão, mas estava no século XII integrado nessa propriedade¹. Em documento datado de 1141 (?), que se refere à doação de um oitavo da *villa de Aldiam* que Paio Eneguiz e sua mulher fazem ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (Ventura e Faria, 1990, p. 184-186), existem alguns pormenores relativos aos recursos desta propriedade:

...Damus et concedimus vobis canonicis Sancte Crucis ipsam villam nomine Aldiam sicut jam diximus cum suis domibus, vineis, terris cultis et incultis, montibus et fontibus, pascuis, molinis et sedibus molinarum et per ubi illa potueritis invenire...

A propriedade do Aljão continha para além do casario, vinhas, campos de pasto, montes e fontes, terras cultivadas e incultas e moinhos, distinguindo o documento *molinis et sedibus molina-*

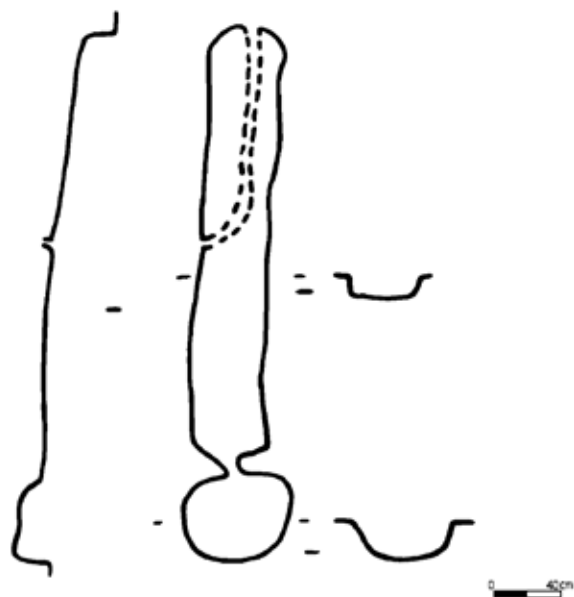


Fig. 3 Lagar 1 das Lágeas.



Fig. 4 Lagar 2 das Lágeas.

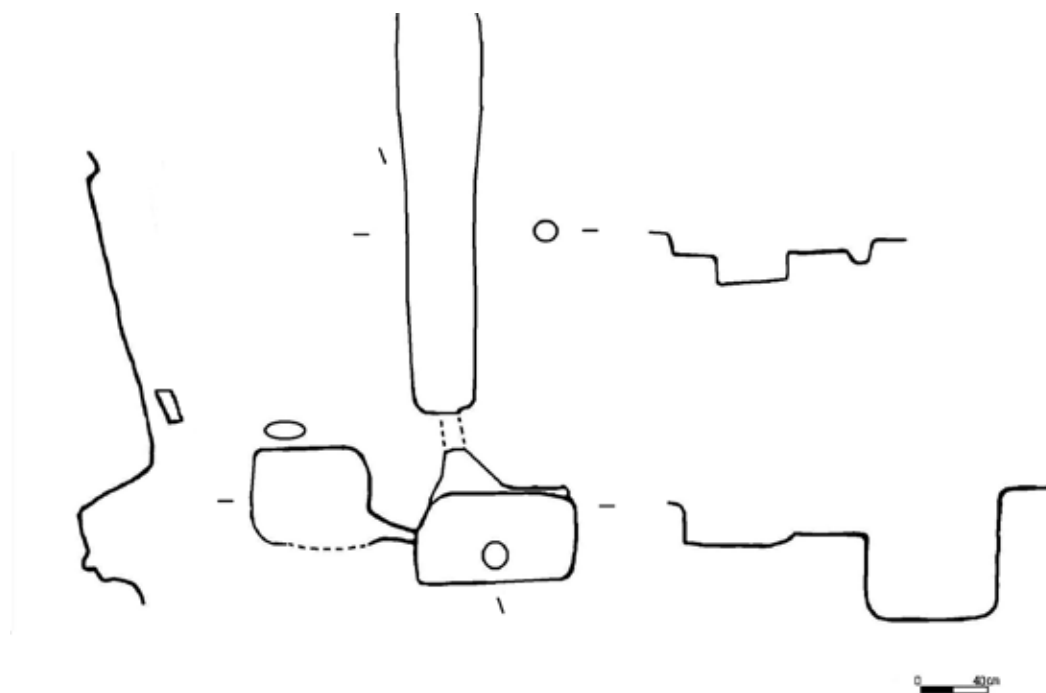


Fig. 5 Estrutura 3 das Lágeas.

rum. É provável que o documento se possa referir ao conjunto de lagares das Lágeas. A referência ao cultivo da vinha na propriedade deixa antever que alguns desses lagares deveriam estar relacionados com a transformação da uva.

O lagar 1 é uma estrutura sub-rectangular ao qual está associado um pio bem definido e completo. A estrutura 2 é constituída por dois lagares circulares, que apresentam a forma de franclas duplas, com uma dimensão bastante reduzida face aos outros lagares deste conjunto.

A terceira estrutura é constituída por um lagar de forma rectangular, associado a um pio sub-quadrangular no centro do qual foi escavado uma pequena cova redonda, que pode ser interpretado como receptáculo último de líquidos para aí escorriam permitir a limpeza do pio. São conhecidos exemplos de concavidades como esta nos lagares estudados por Antunes e Faria (2002, p. 68). O lagar apresenta ainda do seu lado direito uma outra pia, de profundidade reduzida, que comunica por canal com o pio, sendo difícil atribuir-lhe uma função específica. Do lado desta foi ainda registado um buraco de poste que poderia servir de apoio a uma vara de lagar mas não se identificou o seu par.

O quarto lagar é uma estrutura bastante complexa. Consiste num corpo central de forma sub-rectangular que comunica directamente por canal com um pio (*lacus*) completo e bem definido. Associada a este corpo está um outro lagar de forma circular, semelhante aos lagares da estrutura 2, e que tem ligação com o pio. Vários outros elementos foram escavados em redor, nomeadamente o que parece ser o esboço de um outro lagar circular mas cujo canal foi escavado em direcção contrária ao conjunto e que não conduz a nenhum receptáculo. É possível que esta estrutura nunca tenha sido terminada. Do lado esquerdo do lagar rectangular é possível identificar um buraco de poste, que tal como o buraco identificado na estrutura 3, não tem o seu par para apoiar o que poderia ser uma vara de lagar. Identificou-se ainda um buraco de poste no extremo inferior da estrutura, que poderia ter tido como função o apoio de alguma superestrutura em madeira que estivesse associada a um sistema de prensagem diferente daquele proposto por Almeida, Antunes e Faria (1999).

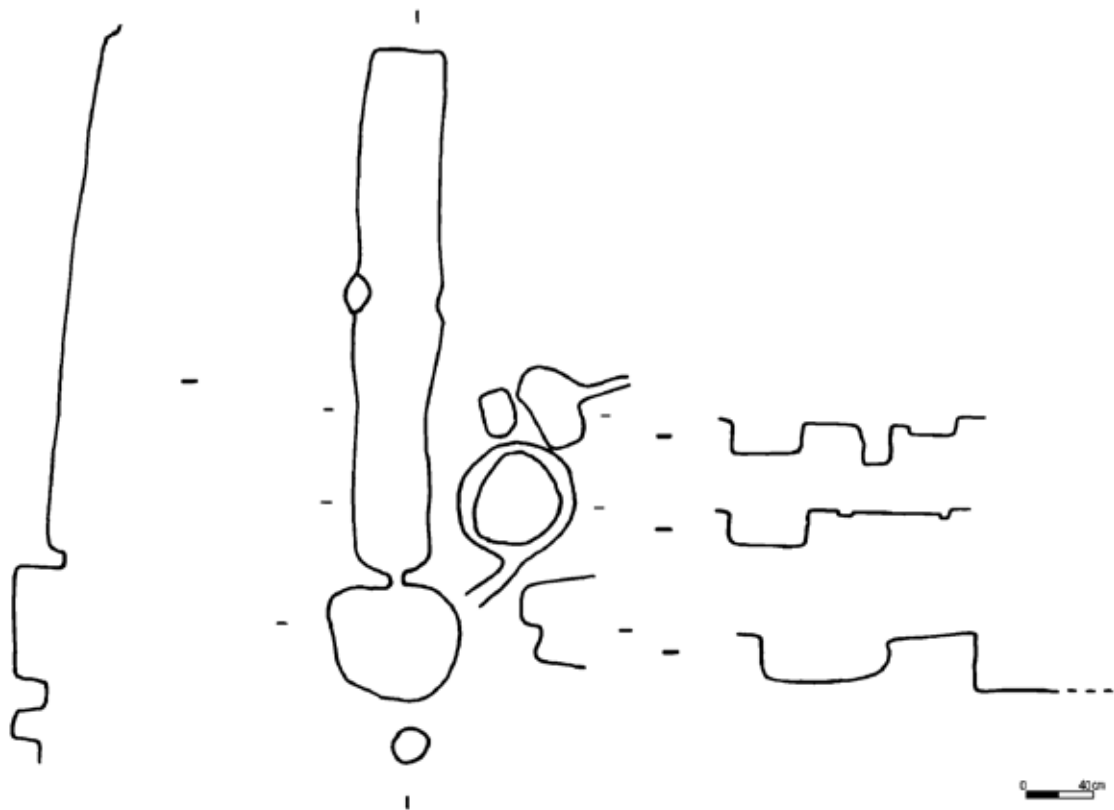


Fig. 6 Estrutura 4 das Lágeas.

3.3. Clergo (*Nespereira, Gouveia*)

Pequeno lagar circular escavado num afloramento granítico, localizado próximo da actual aldeia de Nespereira, concelho de Gouveia. A área que poderemos considerar como destinada à pisa ou prensagem é pouco profunda, e o canal de escoamento não direcciona para nenhuma cuba em pedra; mas a forma do afloramento onde foi escavado permite que fosse aplicado um receptáculo amovível, para onde escorreria os líquidos resultantes da prensagem.

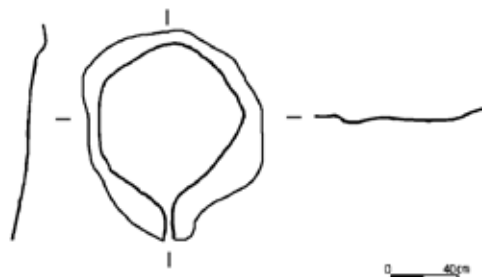


Fig. 7 Lagar do Clergo.

3.4. Quinta da Trêmoa (*Nespereira, Gouveia*)

Junto da antiga Estrada Real da Beira, actual EN 17, foram identificados dois lagares escavados em afloramentos graníticos contíguos. Trata-se de dois lagares de forma predominantemente rectangular. As pias para pisa encontram-se associadas a canais de escoamento ou bicas e a pios em pedra bem definidos, de forma semicircular, com profundidades semelhantes às pias para a pisa. Não foi possível identificar qualquer outra estrutura em negativo que suportasse as traves ou postes associados à prensagem.

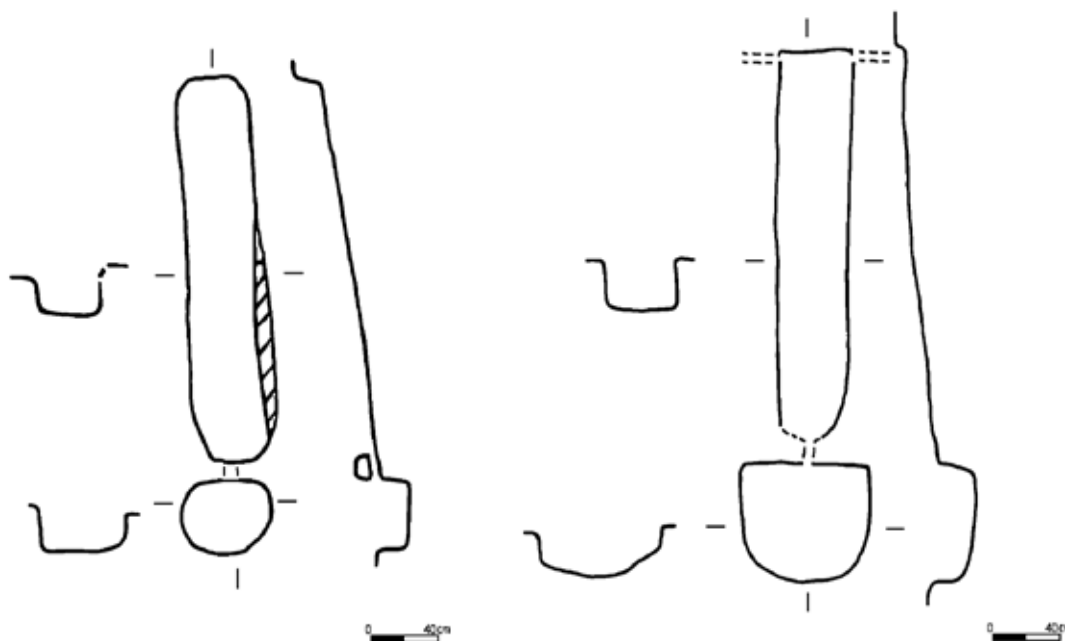


Fig. 8 Lagares da Quinta da Trêmoa.

3.5. Barreiras (Paços da Serra, Gouveia)

Trata-se de um lagar escavado em afloramento granítico, localizado numa área de lameiro, onde foram também identificadas duas sepulturas escavadas na rocha. O lagar apresenta uma pia de pisa (*calcatorium*) rectangular, que se encontra fragmentada em duas zonas. A esta está associada um canal de escoamento bem definido e uma pequena cuba (*lacus*) circular. Do lado direito desta foi escavada uma estrutura sub-rectangular, mas que, aparentemente, não funcionaria como receptáculo dos líquidos da pia já que não tem, presentemente, qualquer vestígio de comunicação directa com a pia de pisa. É provável que pudesse, alternativamente, funcionar como uma base de apoio a uma qualquer estrutura amovível associada ao lagar.

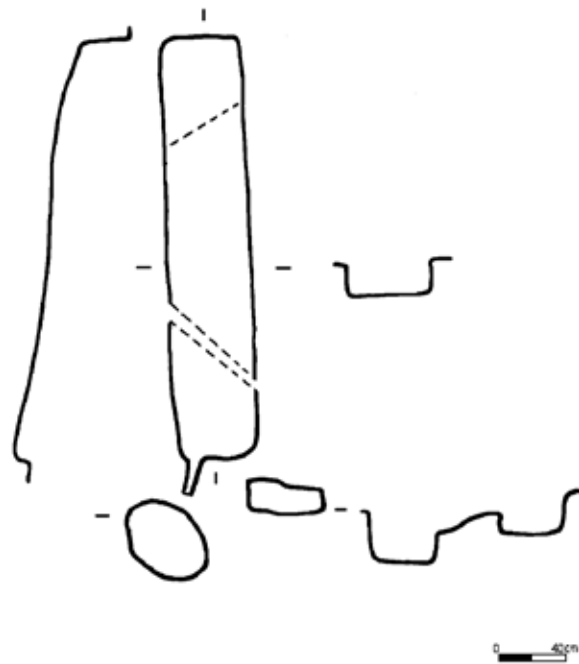


Fig. 9 Lagar das Barreiras.

3.6. Penedo da Marreca (Vila Nova de Tázem, Gouveia)

Foram insculturados num mesmo penedo de granito quatro cruciformes, sendo que um é uma cruz potenteia, ou seja tem as extremidades barradas, letras e uma pequena lagareta. Esta encontra-se inacabada; os canais para escoamento de líquidos só chegaram a ser delineados. Não é possível relacionar directamente todos os elementos insculturados no penedo; no entanto, é verosímil a sua relação temporal. Uma eventual contemporaneidade permitiria integrar esta estrutura de lagareta inacabada já na Idade Moderna.



Fig. 10 Lagar do Penedo da Marreca com representação das cruzes e letras a ele associadas.

3.7. Mário Figueira (Vila Franca da Serra, Gouveia)

Trata-se de um lagar de grande dimensão, com uma forma predominantemente quadrangular, ao qual está associado um pio de dimensão reduzida face ao conjunto. À pia e ao pio está associado um par de buracos de poste de forma rectangular e de dimensões semelhantes entre si. Na parte inferior da pia de pisa foi definido um rebordo rebaixado que permitia um melhor direccionamento dos líquidos resultantes da prensagem para o canal de escoamento que liga ao pio. Na área inferior da estrutura foi ainda escavada uma pia quadrangular de grande dimensão mas cuja profundidade é variável, tal como se pode constatar no perfil apresentado. A sua forma permite supor que poderá ter tido como função o apoio a uma estrutura amovível, tal como uma cuba de madeira, onde fosse possível ir depositando o líquido que escorria para um pequeno pio de pedra.

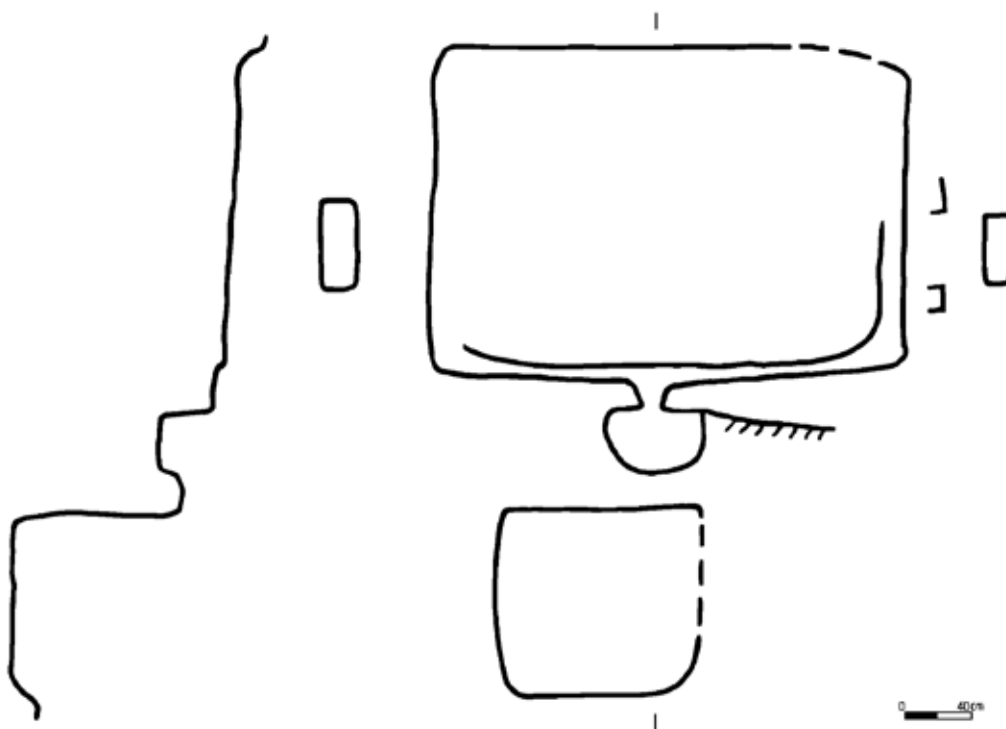


Fig. 11 Lagar da Quinta do Mário Figueira.

3.8. Quinta dos Botos (Vinhó, Gouveia)

Numa área aplanada foi identificada uma estrutura de lagar que se encontra fragmentado, não tendo sido possível o seu completo levantamento gráfico. Apresenta duas pias para prensagem ou pisa, uma de forma rectangular e outra circular que comunica directamente através de uma bica com a primeira. Na parte inferior deste conjunto foram identificadas outras duas pias, uma das quais profunda, que deveria funcionar como pio, e outra, semicircular, de pouca profundidade e que se encontra acoplada à anterior. Não é fácil descortinar a sua funcionalidade.

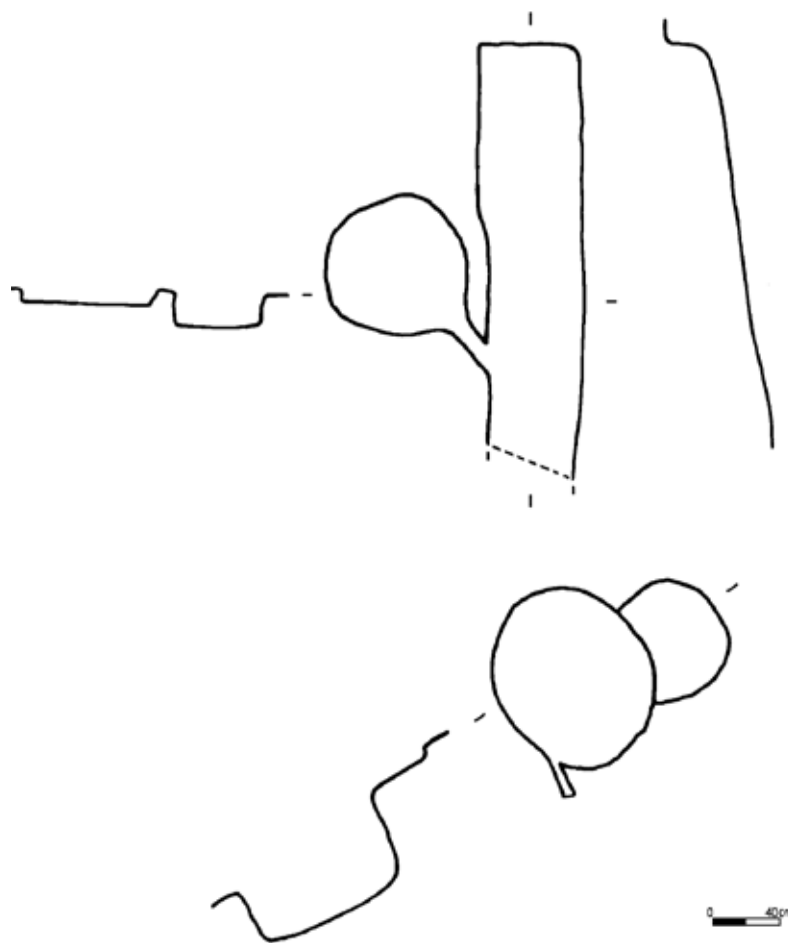


Fig. 12 Lagar da Quinta dos Botos.

3.9. Forca (Açores, Celorico da Beira)

As lagaretas, dadas a conhecer por Valera e Martins (1993), devem ter dado o topónimo a este local, por terem sido certamente confundidas com entalhes para a colocação de postes de forcas. Essas estruturas escavadas na rocha são igualmente conhecidas nestes territórios, pelo que é comum alguns entalhes existentes em rochas serem apelidados de buracos de forca, ainda que nem todos tenham tido essa função. Neste caso, trata-se de dois lagares escavados em afloramentos de granito, que distam entre si cerca de 30 m.

O primeiro é uma estrutura muito simples, na qual se identifica uma pia com uma forma irregular, à qual está associado um par de buracos de poste de dimensões diferentes e de planta circular. É provável que esta estrutura possa nunca ter sido usada como lagar, já que a pia não apresenta uma inclinação que permitisse qualquer escoamento de líquidos, nem tem associado qualquer canal para esse efeito. Uma das seguintes hipóteses parece ser plausível: ou se trata de um lagar muito rudimentar que nunca chegou a ser terminado, ou não foi lagar, mas sim uma outra estrutura escavada na rocha, cuja função estaria relacionada com a deposição de líquidos e à qual estaria associada uma estrutura que assentava em buracos de poste, talvez uma cobertura.

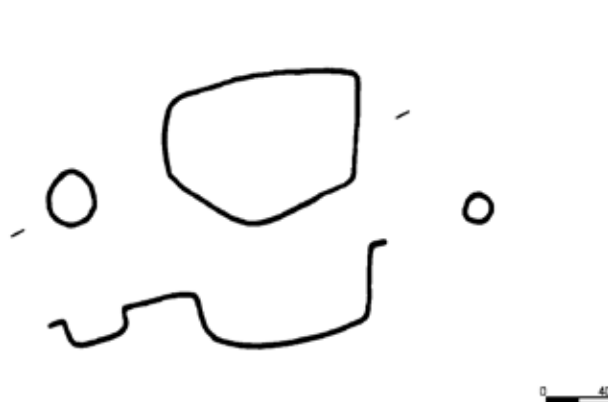


Fig. 13 Estrutura 1 da Forca.

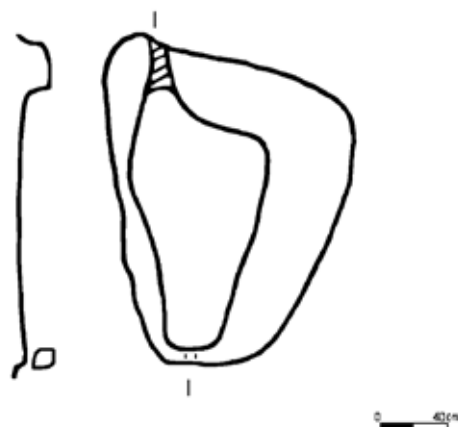


Fig. 14 Estrutura 2 da Forca.

A segunda estrutura da Forca assemelha-se a um lagar de tipo circular, ainda que a pia presente uma forma muito irregular. Na parte inferior da pia de pisa, foi escavado um canal de escoamento que permitia associar a uma cuba amovível, que recolheria o resultado da prensagem. Devido ao tamanho e à forma, não é de descurar a hipótese desta estrutura resultar da transformação de uma sepultura escavada na rocha.

3.10. Sarrado (Aldeia Rica, Celorico da Beira)

Junto da Aldeia Rica foram identificados dois lagares de grande dimensão que distam entre si cerca de 200 m. O primeiro lagar, de grande dimensão, apresenta uma pia para pisa de forma subquadrangular e foi escavado num afloramento granítico alto e ocupa praticamente todo o seu topo. O líquido resultante da prensagem era escoado por uma bica bem delineada e longa, que escoaria para cubas amovíveis que se poderiam colocar por debaixo desta bica. À pia de prensagem está associado um par de buracos de poste de forma sub-rectangular com dimensões similares.

O lagar 2 apresenta uma menor dimensão face ao anteriormente descrito, mas tem uma pia de pisa com uma forma semelhante e está associado igualmente a um par de buracos de poste de forma rectangular. Na parte inferior da pia, hoje bastante fragmentada, identificou-se uma cuba de grande proporção, mas cujo registo total foi impossibilitado devido ao estado de conservação da mesma. Junto dos buracos de poste foram ainda escavadas outras estruturas em negativo, que devem pertencer ao conjunto que serviria de apoio à vara de lagar.

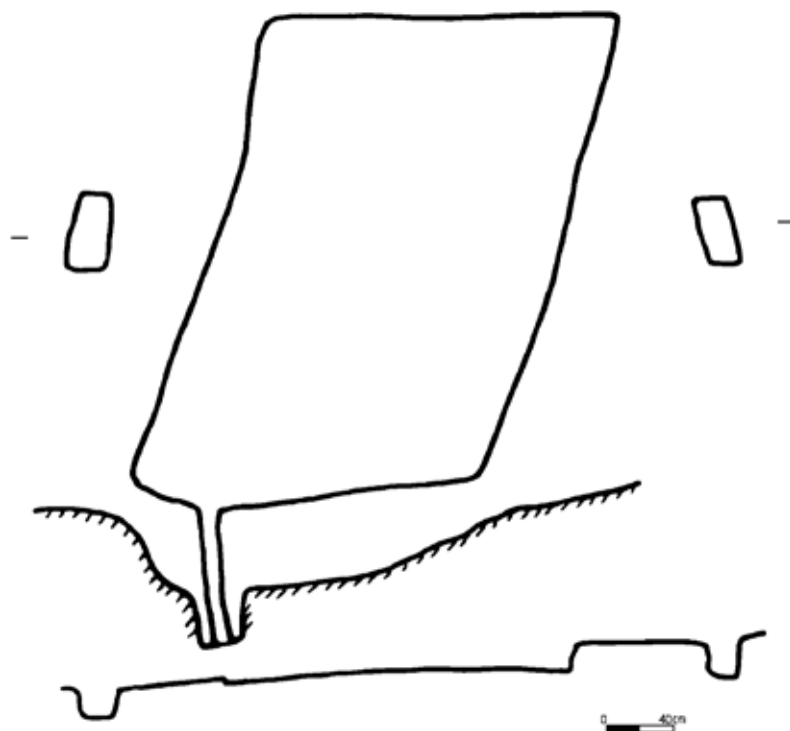


Fig. 15 Lagar 1 do Sarrado.

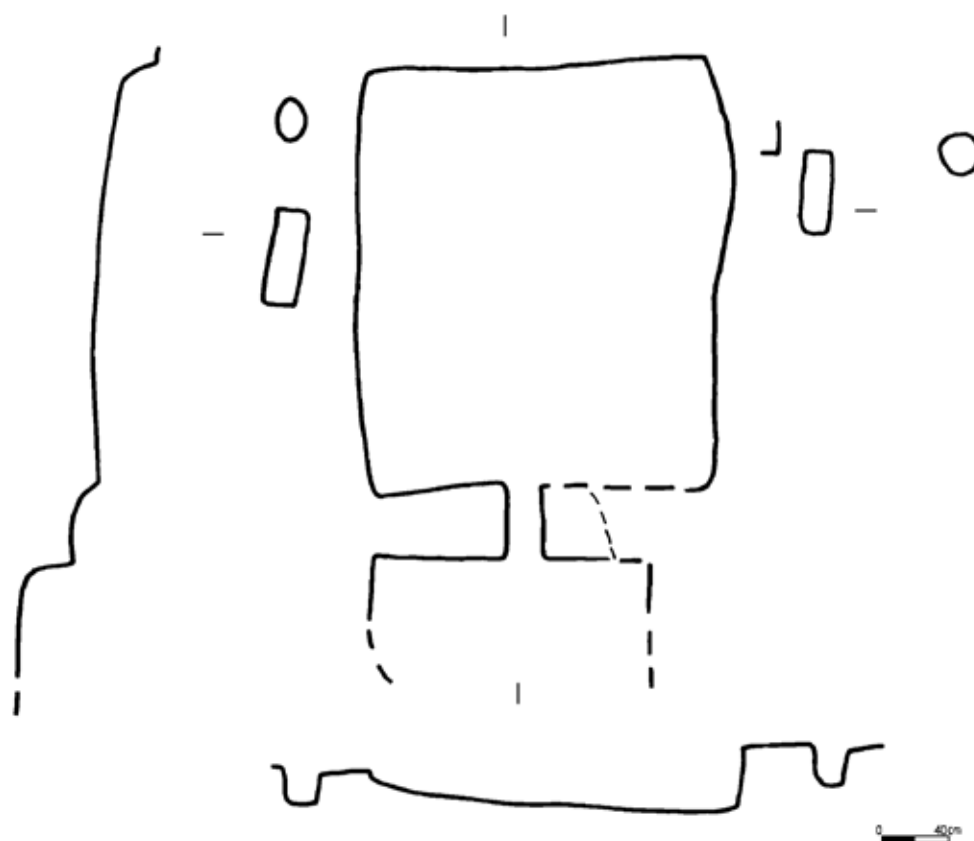


Fig. 16 Lagar 2 do Sarrado.

3.11. Quinta da Fidalga (Linhares, Celorico da Beira)

Na propriedade da Quinta da Fidalga, localizada no sopé do monte onde foi implantado o Castelo de Linhares, foram identificados dois lagares com pias de pisa de forma quadrangular, às quais estão associados pares de buracos de poste de forma rectangular e cubas para escoamento.

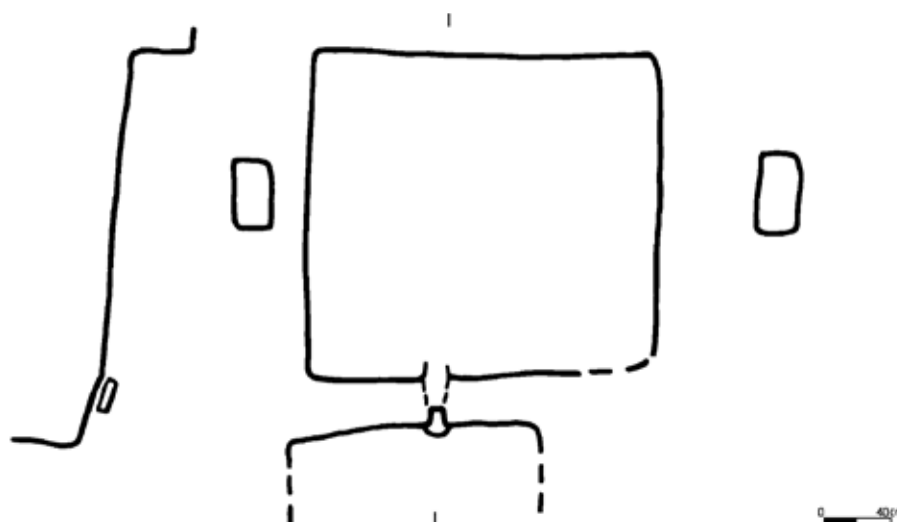


Fig. 17 Lagar 1 da Quinta da Fidalga.

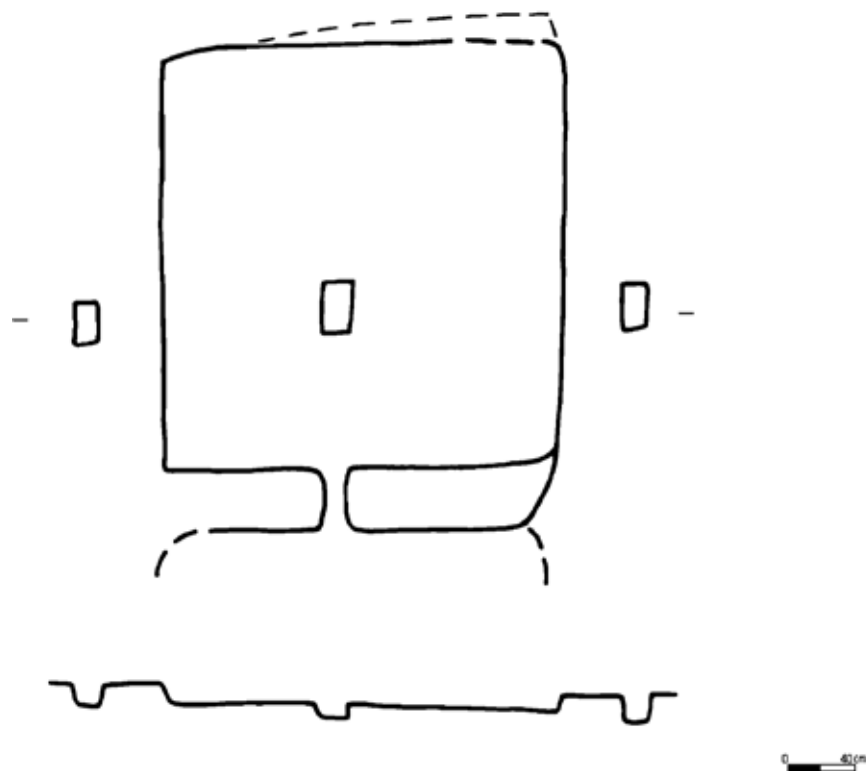


Fig. 18 Lagar 2 da Quinta da Fidalga.

O lagar 2 tem a particularidade de ter escavado um buraco de poste no centro da pia de pisa. Trata-se de caso único no conjunto estudado. Pressupõe-se que a sua função estivesse associada a um apoio suplementar da estrutura onde assenta a vara de lagar ou eventualmente, poderia suportar uma escora da mesma.

3.12. Ratoeira (*Ratoeira, Celorico da Beira*)

Na aldeia da Ratoeira foi identificado um grande lagar com pia de pisa quadrangular (Valera e Martins, 1993, p. 275). O mesmo apresenta um canal de escoamento bem definido e longo, que escoaria para uma cuba amovível. A esta pia de pisa está associado um par de buracos de poste de forma rectangular com tamanhos similares.

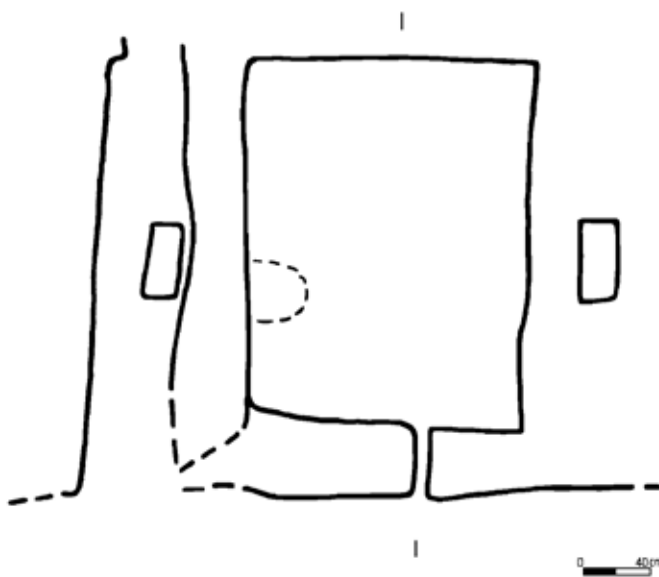


Fig. 19 Lagar da Ratoeira.

3.13. Colícias (*Vale da Ribeira, Celorico da Beira*)

A sepultura 2 da necrópole de onze sepulturas escavadas na rocha com o mesmo nome foi transformada em lagar através da abertura de um orifício na parte inferior da mesma. Anexa a este orifício, que funcionava como bica, foi escavada uma área exterior que serviria de apoio a um receptáculo deslocável para o qual escoaria o líquido proveniente da pisa.

Mais uma vez se coloca a questão da cronologia destas estruturas, já que a necrópole deveria ter sido há muito abandonada para que se pudesse transformar uma das suas sepulturas em lagar. Presupõe-se ainda que era necessário não só a necrópole já não estar em utilização como não existir qualquer relação sentimental com aquele espaço funerário, para que tal transformação ocorresse.

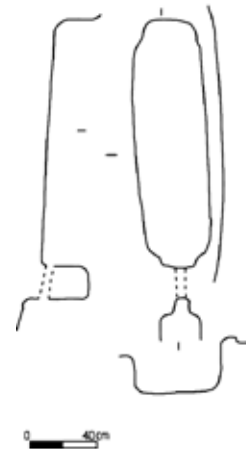


Fig. 20 Lagar das Colícias.

3.14. Tapada das Pedras (*Vale da Ribeira, Celorico da Beira*)

Entre as sepulturas 3 e 4 da necrópole da Tapada das Pedras, foi identificado um lagar circular escavado num afloramento granítico.

O problema das cronologias e da associação espacial directa entre lagares e sepulturas escavadas na rocha coloca-se igualmente nesta situação. Todavia, contrariamente ao que ocorre com as sepulturas que são transformadas em lagares, aqui há a hipótese de o lagar poder ser mais antigo do que a necrópole. Nesse caso, é presumível que no momento de início da utilização deste espaço como local funerário, a estrutura já não tivesse serventia. É também verosímil que esta estrutura, em forma de francela, possa estar directamente associada à utilização da necrópole e aos rituais que normalmente acompanham as inumações de corpos, como a sua lavagem, preparação e libações. Como possui características de lagar, não é descabido esperar que pudesse efectivamente ser uma estrutura mais antiga que pode ter sido reaproveitada para essas funções. Menos provável é que a mesma possa ter sido esculpida intencionalmente para cumprir essa funcionalidade, pois conhecem-se outros casos de pias escavadas na rocha junto a necrópoles e não apresentam forma de lagares!



Fig. 21 Lagar da Tapada das Pedras.



Fig. 22 Localização do lagar da Tapada das Pedras e sua relação espacial com as sepulturas escavadas na rocha.

3.15. Tapada do Bufo (Vale de Azares, Celorico da Beira)

No espaço ocupado pela necrópole da Tapada do Bufo, foram identificadas duas estruturas rupestres de lagares. Uma resulta da transformação de uma sepultura antropomórfica de cantos sub-rectangulares, na qual foi escavado um orifício e uma cuba em pedra na parte inferior da sepultura. Devido ao estado de fractura desta, não foi possível obter as suas dimensões totais, mas é provável que servisse, não como pio propriamente dito, mas antes como um espaço de apoio a um receptáculo removível. Um segundo lagar subquadrangular foi identificado junto a outra sepultura desta necrópole. Não foram identificados buracos de poste associados ao lagar. A bica foi bem delineada e a cuba em pedra bem definida, apesar de apresentar uma dimensão modesta. Tal como no lagar 1, talvez este pio servisse mais como apoio a uma cuba de madeira ou a um vasilhame cerâmico.

Mais uma vez se coloca a questão da relação cronológica entre estas estruturas funerárias e a sua posterior transformação em estruturas transformadoras de bens alimentares.

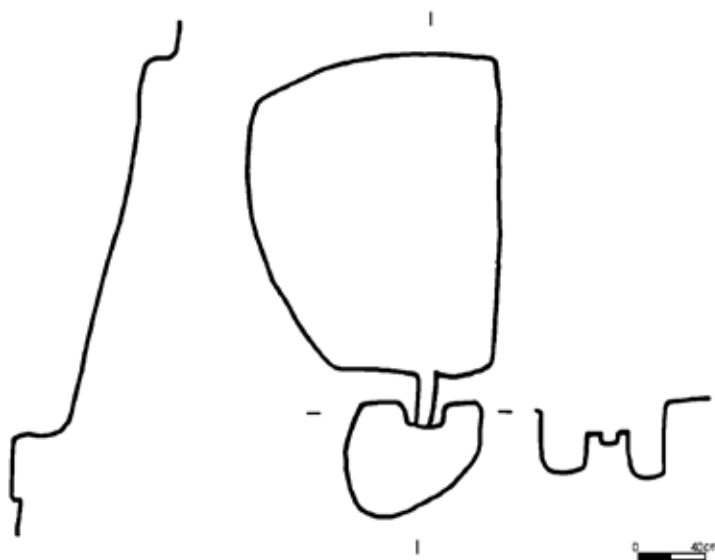


Fig. 23 Lagar 1 da Tapada do Bufo.

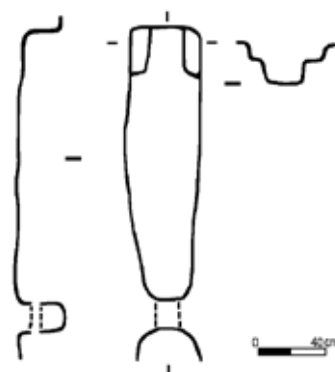


Fig. 24 Lagar 2 da Tapada do Bufo.

4. Proposta de tipologia

No grupo de lagares estudados, existe uma grande variedade formal, que nem sempre se enquadra no modelo base apresentado no ponto 2 deste artigo. Efectivamente, da análise dos lagares aqui descritos, é possível delinear uma proposta de tipologia destas estruturas (que se baseia na sua forma e dimensão), e que se encontra sistematizada em tabela e gráfico apresentados *infra*, e cujos tipos se podem definir como se refere em seguida.

Tabela 1. Tipologia e dimensões dos lagares

Designação	Tipologia	Pia de pisa (m ²)**	Cuba (m ³)**	Buraco de poste esquerdo**	Buraco de poste direito**
Castelo	Aproveitamento de sepultura	2,90 x 0,46 = 1,33	0,36 x ? x 0,30 = ?	S/	S/
Lágeas 1	Lagar Rectangular	2,80 x 0,47 = 1,31	0,50 x 0,60 x 0,23 = 0,07	S/	S/
Lágeas 2	Lagar Rectangular Circular	3,40 x 0,54 = 1,83 0,65 x 0,70 = 0,45	0,63 x 0,78 x 0,28 = 0,07	S/	S/
Lágeas 3	Lagar Rectangular Circular	2,80 x 0,44 = 1,23 0,60 x 0,70 = 0,42	0,60 x 1 x 0,42 = 0,25	0,12 x 0,12 x 0,09	S/
Lágeas 4	Lagares Circulares	0,65 x 0,75 = 0,48	0,67 x 0,69 = 0,46	S/	S/ S/
Clergo	Lagar Circular	0,48 x 0,38 = 0,18	S/	S/	S/
Quinta da Trêmoa 1	Lagar Rectangular	2,74 x 0,46 = 1,26	0,46 x 0,52 x 0,26 = 0,06	S/	S/
Quinta da Trêmoa 2	Lagar Rectangular	2,58 x 0,46 = 1,18	0,76 x 0,74 x 0,22 = 0,12	S/	S/
Barreiras	Lagar Rectangular	2,75 x 0,58 = 1,59	0,50 x 0,48 x 0,26 = 0,06	S/	S/
Penedo da Marreca	Lagar Circular (macabado?)	0,62 x 0,80 = 0,52	S/	S/	S/
Mário Figueira	Lagar Quadrangular	2,25 x 3,15 = 7,08	0,40 x 0,58 x 0,23 = 0,05 1,12 x 1,33 x 0,40 = 0,64	0,46 x 0,18 x 0,26	0,58 x 0,26 x 0,28
Quinta dos Botos	Lagar Rectangular Circular	2,70 x 0,63 = 1,70	1,0 x 0,85 x 0,156 = 1,51	S/	S/
Forca 1	Lagar Circular (?)	0,70 x 1,20 = 0,50	S/	0,16 x 0,16 x 0,12	0,44 x 0,25 x 0,20
Forca 2	Lagar Circular	1,65 x 0,60 = 0,99	S/	S/	S/
Sarrado 1	Lagar Quadrangular	2,32 x 3,15 = 7,30	S/	0,44 x 0,20 x 0,22	0,50 x 0,24 x 0,16
Sarrado 2	Lagar Quadrangular	2,60 x 2,20 = 5,72	1,30 x 1,68 x 0,32 = 0,69	0,54 x 0,18 x 0,30	0,64 x 0,24 x 0,23
Quinta da Fidalga 1	Lagar Quadrangular	2,95 x 2,60 = 7,67	? X2,40 x ? = ?	0,24 x 0,17 x 0,18	0,26 x 0,20 x 0,20
Quinta da Fidalga 2	Lagar Quadrangular	2,44 x 2,30 = 4,92	? X1,68 x 0,89 = ?	0,52 x 0,25 x 0,16	0,46 x 0,24 x 0,26
Ratoeira	Lagar Quadrangular	2,40 x 1,87 = 4,48	S/	0,54 x 0,25 x 0,13	0,46 x 0,22 x 0,13
Colícias	Aproveitamento de sepultura	1,72 x 0,48 = 0,82	? X0,18 x ? = ?	S/	S/
Tapada das Pedras	Lagar Circular	0,40 x 0,58 = 0,23	S/	S/	S/
Tapada do Bufo 1	Aproveitamento de sepultura	1,78 x 0,50 = 0,89	S/	S/	S/
Tapada do Bufo 2	Lagar Quadrangular	2,10 x 1,50 = 3,15	0,54 x 0,62 x 0,37 = 0,12	S/	S/

* Comprimento x largura

** Comprimento x largura x profundidade

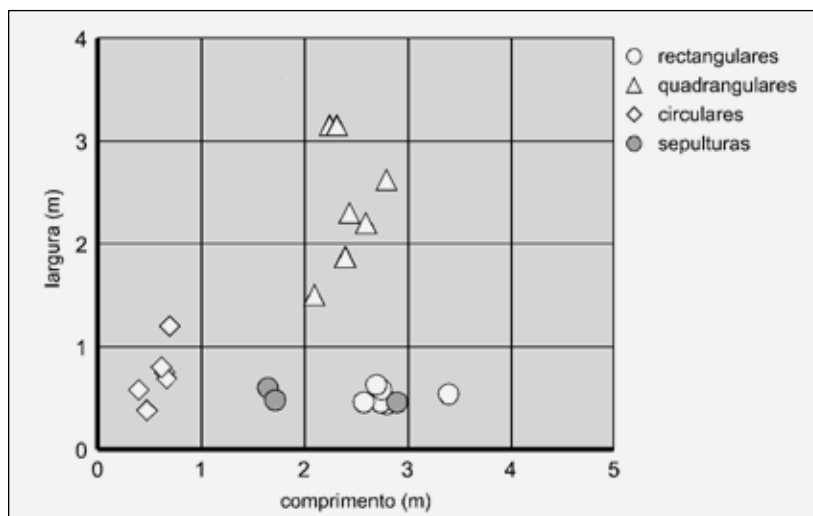


Gráfico 1 Dimensões e tipos de lagares.

Lagar rectangular ou sub-rectangular

Trata-se de lagares cuja pia de pisa apresenta uma forma rectangular ou sub-rectangular à qual está, na maioria dos casos, associado um pio em pedra ligado à pia através de canais de escoamento. A este tipo de estruturas não se associam, normalmente, buracos de poste em pares que pudessem suportar um sistema de lagar de tipo *torcularium*. É provável que, neste lagar, a pisa fosse realizada por pé humano e uma última prensagem fosse efectuada noutra tipo de estrutura, isto admitindo que se procuraria que não houvesse desperdício de uva. Estes lagares não apresentam uma área para a pisa muito grande, pelo que a mesma deveria ser efectuada por uma pessoa, no máximo duas. Inserem-se neste tipo os lagares 1, 2 e 3 das Lágneas, os dois da Quinta da Trêmoa, o lagar das Barreiras e o da Quinta dos Botos.

Lagar resultante do aproveitamento de uma sepultura

Este grupo, na verdade, deve ser considerado subtipo dos lagares rectangulares ou sub-rectangulares. Em termos de morfologia, todos os lagares resultantes da adaptação de sepulturas escavadas na rocha em lagares apresentam uma forma rectangular ou sub-rectangular e deveriam partilhar com esses a mesma tecnologia de transformação a eles associada. Foram identificados neste grupo os lagares de Castelo, da Tapada do Bufo 1, das Colícias e, eventualmente, o lagar 2 da Forca.

Lagar quadrangular ou subquadrangular

Estes lagares apresentam uma pia de pisa de grande dimensão com uma forma quadrangular ou subquadrangular, de pouca profundidade, tal como se pode observar no Quadro 1 e Gráfico 1. A esta pia está sempre associado um par de buracos de poste, normalmente rectangulares ou sub-rectangulares e com dimensões similares entre si. Apresentam do rebordo da pia de pisa distâncias semelhantes. Na maioria dos casos estudados, os lagares estão associados a pios de pedra de dimensão variável, ainda que haja casos em que não foi escavado nenhum pio, situações em que é provável que lhes fossem associados vasilhames amovíveis para recolher o mosto. A estes lagares estava associada uma estrutura de madeira que suportaria a vara de lagar, a “pedra de lagar”, os contrapesos, etc. Este é o tipo que se encaixa no modelo teórico apresentado por Almeida, Antunes e Faria (1999), ainda que em nenhum dos estudados tenham sido identificadas estruturas negativas para suportar uma escora para a vara de lagar. É possível que as escoras, a terem existido nestes lagares, fossem suportadas de uma forma que não se tivesse de recorrer a encaixes na rocha, tal como ocorre para os postes de apoio da vara de lagar. Dos lagares estudados, inserem-se neste tipo os identificados como Mário Figueira, Sarrado 1 e 2, Quinta da Fidalga 1 e 2, Ratoeira e Tapada do Bufo 2.

Lagar circular

De um modo geral, apresentam uma pia circular ou semicircular, com dimensões muito modestas, tal como se pode constatar, quer na tabela quer no gráfico. Na maioria dos casos estudados, os lagares circulares apresentam uma forma semelhante a uma francela. Estes lagares podem ocorrer isolados, associados entre si, como no lagar 4 das Lágneas, ou com lagares rectangulares, como são os casos dos lagares 2 e 3 identificados nas Lágneas e o da Quinta dos Botos.

Neste grupo, podemos ainda inserir o lagar do Clergo, o possível lagar 1 da Forca, a estrutura da Tapada das Pedras e o lagar inacabado do Penedo da Marreca.

A forma destes lagares e a sua constante associação a lagares rectangulares sugere que ambos representariam fases diferentes na extracção do mosto. A primeira transformação dar-se-ia nos lagares rectangulares através da pisa, sendo a segunda prensagem efectuada numa prensa por fuso,

amovível. A prensa por fuso deveria ser em madeira, sendo a tina constituída por tábuas na vertical juntas certamente por anéis de metal, por entre as quais escorreria o líquido resultante da prensa de fuso. A tina e o aparelho de prensagem assentaria no lagar circular, o qual era receptáculo para o mosto e, através dos sulcos escavados na pedra, dirigiria este para outro receptáculo, certamente amovível.

5. Principais limitações e possíveis conclusões

A falta de contextos arqueológicos que possibilite a obtenção de mais informação para o estudo da forma de funcionamento e cronologias destas estruturas rupestres, aliada à escassa informação documental são as principais limitações para a sustentação de novas propostas cronológicas e funcionais.

Não obstante essas limitações, alguma informação se vai conseguindo compilar, e algumas conclusões são passíveis de ser retiradas quando se fazem estudos mais exaustivos de conjuntos alargados, como o que aqui se apresenta. São, contudo, conclusões que dificilmente poderão ser generalizadas.

A primeira grande conclusão prende-se com a evidente multiplicidade de formas e soluções, as quais, todavia, se conseguem encaixar em quatro grandes tipos. Estes não devem ser associados a cronologias diversas, já que é frequente identificarmos conjugações de diversos tipos no mesmo sítio, como acontece de forma evidente nas Lágéas. A morfologia estaria certamente mais relacionada com o modo de funcionamento do lagar. Apenas no grupo dos lagares quadrangulares e subquadrangulares, podemos supor a utilização de um sistema de prensa por alavanca; nos restantes é mais verosímil que a obtenção do mosto se processasse essencialmente através da pisa humana, em conjugação, em alguns casos, com uma prensa de fuso, de acordo com a proposta que apresentamos para o modo de funcionamento dos lagares circulares. As estruturas 3 e 4 das Lágéas são exemplo deste tipo de sistemas mistos. Mas, mesmo nos casos dos lagares quadrangulares e subquadrangulares, a prensagem através do sistema de madeira só deveria ser aplicada após a primeira fase de extracção de mosto, através da pisa por pé humano, para assim obter um maior aproveitamento da uva. Não sabemos se se procederia ou não à mistura dos mostos obtidos pelos dois métodos. Entre os Romanos, a prática deveria ser a da sua não-junção, recomendação já efectuada por Plínio, pois o gosto dos mostos não era igual (Brun, 1997, p. 149).

A segunda conclusão prende-se com a cronologia. Desde logo se destaca o facto de não terem sido identificados quaisquer vestígios arqueológicos datáveis de época romana que pudessem, eventualmente, estar associados a estes lagares. Em poucos casos foi possível observar a ocorrência de materiais cerâmicos alto-medievais nas imediações dos penedos onde foram escavadas estas estruturas. A situação mais comum é, no entanto, a inexistência de qualquer outro vestígio arqueológico, para além das estruturas em negativo esculpidas na rocha. No caso de La Rioja e da Catalunha, conhecem-se referências documentais a este tipo de lagares desde o século X, ou mesmo IX, sendo que a maioria das menções data dos séculos XI a XIII (Andrés Barrio, 2001, p. 152-153). Admite-se como hipótese de trabalho que estas cronologias possam ser consideradas também para alguns dos lagares estudados.

Todavia, a identificação de lagares resultantes da transformação de sepulturas medievais escavadas na rocha, ou a coexistência espacial de lagares com necrópoles, leva a crer que, pelo menos algumas destas estruturas, serão mais tardias que a Alta Idade Média. Com efeito, só após a estabilização da fronteira no século XI começaram a existir condições para uma agricultura mais

estável, condição principal para a dedicação constante que uma vinha exigia. Mas proliferação destas estruturas pelos campos agricultados deve ter ocorrido apenas na Baixa Idade Média.

Deve-se esperar igualmente que alguns lagares possam datar de Época Moderna ou que alguns deles, mais antigos, possam ter sobrevivido em actividade até essa época. São exemplos dessa permanência de utilização os lagares rupestres do século XVI documentados em Itália (Andrés Barrio, 2001, p. 155), ou os lagares referenciados por Antunes e Faria (2002, p. 67) na zona da Meda e que datarão do século XVII. É verosímil que, à semelhança do que ocorreu em La Rioja a partir do século XIII (Andrés Barrio, 2001, p. 154), alguns dos lagares estudados se tivessem transferido na Baixa Idade Média para as aldeias, deslocação que ocorreria num contexto de concentração e senhoralização destas actividades.

No que se refere à funcionalidade mais específica destas estruturas, parece não ser expectável que as diferentes formas dos lagares se possam relacionar com transformação da uva ou da azeitona. O modo de funcionamento que se presume para estes lagares é difícil de compatibilizar com os sistemas utilizados para a transformação da azeitona. Todas as estruturas têm uma área para a pisa humana, a qual, no caso do esmagamento da azeitona, só podia ser efectuada com o recurso a tamancos de madeira, técnica que terá sido abandonada ainda no período romano (Alarcão, 1997, p. 144). Faltam também, no registo arqueológico, componentes específicos para o esmagamento da azeitona, elementos, como sejam a *mola olearia* ou o *trapetum*, com o seu *mortarium* de coluna no centro (*milliarium*) (Alarcão, 1997, p. 145).

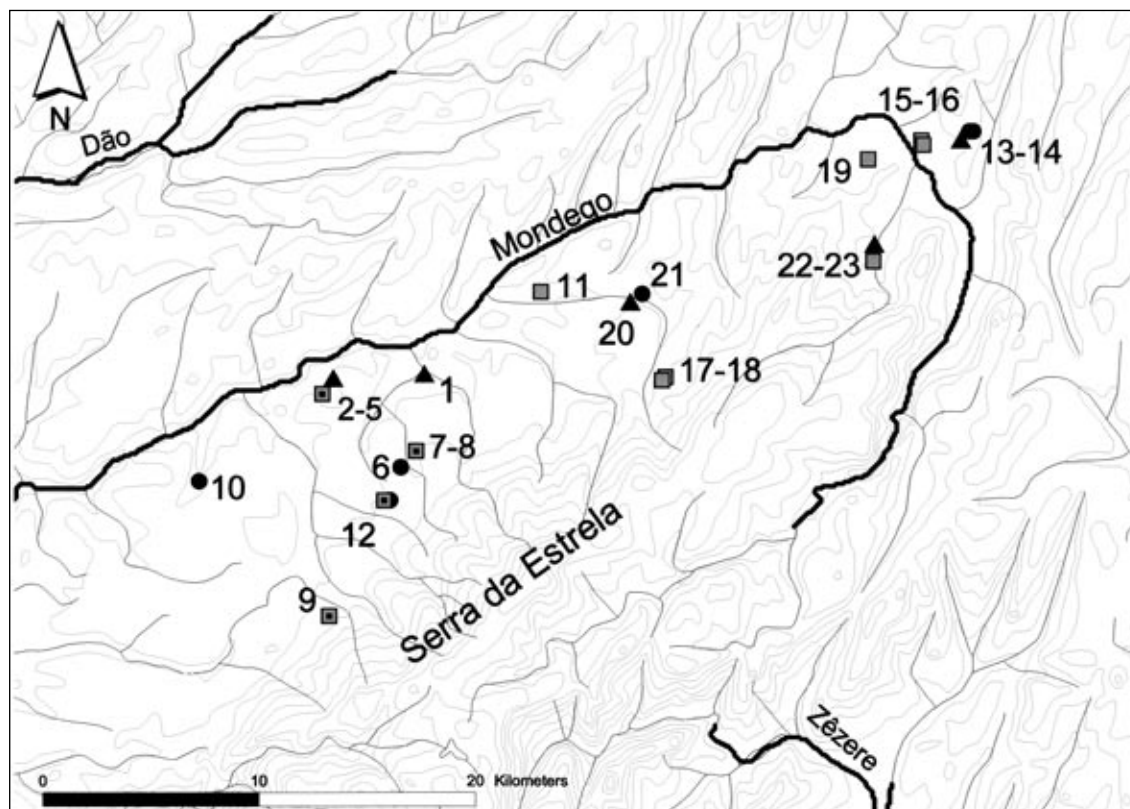


Fig. 25 Mapa de localização: 1 - Castelo; 2-5 - Lágeas; 6 - Clergo; 7-8 - Quinta da Trêmoa; 9 - Barreiras; 10 - Penedo da Marreca; 11 - Quinta Mário Figueira; 12 - Quinta dos Botos; 13-14 - Forca; 15-16 - Sarrado; 17-18 - Quinta da Fidalga; 19 - Ratoeira; 20 - Colícias; 21 - Tapada das Pedras; 22-23 - Tapada do Bufo. (Tipos de lagares: ■ rectangular; ▲ transformação de uma sepultura; □ quadrangular; ● circular).

Assim, a maior probabilidade é a de estes lagares terem sido utilizados apenas na transformação da uva. Esta é também a conclusão que podemos retirar se cruzarmos os dados de localização altimétrica destes lagares (Mapa 1) com os dados publicados por Isabel Castro Pina na *Encosta Ocidental da Serra da Estrela* (1998, p. 34-42). Segundo o que esta autora pôde apurar na documentação que estudou para os séculos XIII a XIV, “as vinhas cultivavam-se por toda a parte, não ultrapassando, no entanto, os novecentos metros de altitude” (p. 34); nesta região, “os vinhedos, concentram-se, sobretudo a meia encosta, entre os 400 e os 500 metros” (p. 37). Efectivamente, nenhum dos lagares identificados se situa acima dos 900 m, estando a grande maioria situada entre os 400 e os 600 m de altitude.

Um estudo mais atento da toponímia actual da vertente noroeste da Serra da Estrela permite igualmente identificar muitos topónimos relacionados com a videira, as vinhas e a uva. Contrariamente, existem muito poucos relacionados com a azeitona ou a oliveira, ainda que, pelo menos desde a Baixa Idade Média, seja feito nesta região o seu cultivo e a sua transformação em azeite. Isabel Castro Pina apenas conseguiu identificar dois olivais, o que a leva a presumir que haveria um “fraco índice de produção” neste domínio (Pina, 1998, p. 43). Admite a autora, com toda a lógica, que, entre os outros cultivos de maior importância, deveriam existir algumas oliveiras, mas a sua ocorrência e quantidade não está documentada, presumindo-se que não tivesse expressão.

Ainda que, lamentavelmente, estas estruturas rurais não sejam referidas na documentação estudada por Isabel Castro Pina, o que não nos permite tirar conclusões mais específicas, é de supor que estes lagares rupestres se situassem junto das vinhas, o que justifica a sua disseminação pela paisagem rural visível actualmente na região. Em suma, lidamos com uma área parca em documentação e que nos permite mais a colocação de hipóteses do que a afirmação de conclusões definitivas. No estado actual dos nossos conhecimentos, porém, não é de excluir a possibilidade de estarmos perante as origens da “região Demarcada do Dão”.

Agradecimentos

Um especial bem-haja à minha colega e amiga Ana Rita Martins, que me acompanhou na maioria dos levantamentos aqui apresentados. Agradeço ainda a colaboração em alguns dos levantamentos à Maria João Brun, ao Manuel Tente, ao Rui Cardoso e ao António Faustino Carvalho.

NOTAS

* Instituto Português de Arqueologia

¹ O Aljão é referido num documento datado de 1140 e 1141 (Ventura e Faria, 1990, p. 184-186), que se refere à venda da *villa de Aldiam* efectuada por D. Afonso Henriques a Garcia e a Paio Eneguiç. (Tente, 2007).

Este documento é bastante preciso quanto ao espaço ocupado por esta propriedade referindo como limites perfeitamente identificáveis actualmente a aldeia do Arcozelo, o rio Mondego e o Rio Torto

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (1997) - A tecnologia agrária romana. In *Portugal romano. A exploração dos recursos naturais*. Lisboa: MNA, p. 137-148.
- ALMEIDA, C. B. de; ANTUNES, J. M.; FARIA, P. B. de (1999) - Lagares cavados na rocha: uma reminiscência do passado na tradição da técnica vinícola no vale do Douro. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, p. 97-103.
- ANDRÉS BARRIO, F. (2001) - Trujales y lagares en la documentación medieval riojana y su relación con los lagares excavados en la roca. *Douro - Estudos e Documentos*. Porto. 6:12, p. 151-160.
- ANTUNES, J. M.; FARIA, P. B. de (2002) - Lagares do Alto Douro Sul. Tipologias e tecnologia. *Douro - Estudos e Documentos*. Porto. 7:14, p. 65-77.
- BROCHADO, C. L. (2001) - A lagareta de contrapeso da Quinta da Fonte, Monção. *Douro - Estudos e Documentos*. Porto. 6:12, p. 63-76.
- BRUN, J.-P. (1997) - Uma adega e um lagar na *villa* de Torre de Palma. *Portugal Romano. A exploração dos recursos naturais*. Lisboa: MNA, p. 149-151.
- PINA, M. I. (1998) - *A encosta ocidental da Serra da Estrela. Um espaço rural na Idade Média*. Cascais: Patrimonia.
- TENTE, C. (2000) - Estudo sobre as sepulturas rupestres do actual concelho de Gouveia (1993-1998). *Gaudela*. Gouveia. 1, p. 44-72.
- TENTE, C. (2007) - *A ocupação alto-medieval da encosta noroeste da Serra da Estrela*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- VALERA, A. C. (1993) - *Património arqueológico do Concelho de Fornos de Algodres, 1.ª fase da carta e roteiro*. Lisboa: Associação de Promoção Social Cultural e Desportiva de Fornos de Algodres.
- VALERA, A.; MARTINS, A. (1994) - Levantamento arqueológico do concelho de Celorico da Beira. Relatório do trabalho de campo. *Trabalhos de Arqueologia da E. A. M.* Lisboa. 2, p. 273-282.
- VENTURA, L.; FARIA, A. S. (1990) - *Livro Santo de Santa Cruz (cartulário do séc. XII)*. Coimbra: INIC.